



# PÁRA-QUEDISMO MILITAR NO BRASIL — ORIGEM, EVOLUÇÃO, INFLUÊNCIAS

Racine Bezerra Lima Filho

---

Matéria extraída de monografia elaborada pelo autor, como exigência curricular para a obtenção de diploma da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME). Apresenta uma síntese da história do pára-quedismo militar no Brasil.

---

A atividade pára-quedista no Brasil chega à última década do século em elevado estágio de desenvolvimento. No campo do pára-quedismo civil-desportivo, novos clubes são fundados com frequência, em todos os rincões do País, e cada vez é maior o número de adeptos desse singular esporte. Nas Forças Armadas, há representantes nos três componentes; porém, é no Exército que essa atividade encontra sua maior expressão.

Na Força Terrestre, os pára-quedistas estão reunidos em uma grande unidade

(GU) e em uma unidade, ambas com características peculiares. Trata-se da Brigada de Infantaria Pára-quedista, (BdaInfPqdt) e do Batalhão de Forças Especiais (BFEsp). O nível de adestramento dessa tropa, reserva estratégica do EB, alcança padrões internacionais.

Para que fosse atingido o nível atual, foi percorrido um longo caminho, todo ele marcado pelo suor de abnegados soldados. A constatação das dimensões de tão vultosa obra e dos reflexos que dela emanam traz à tona a seguinte questão: como tudo começou?

Em busca dessa resposta, o autor (para-quedista nº 29.963, de um total de 56.455 formados, até agosto de 1992) faz uma retrospectiva, mergulhando na história e chegando até os dias atuais.

## SURGIMENTO E EVOLUÇÃO DO PÁRA-QUEDISMO

Embora nos dias de hoje seja atípica a utilização do pára-quedas sem o avião, suas origens remontam ao século XIV, quando, durante uma solenidade de coroação, na China, acrobatas pára-quedistas realizaram um salto de exibição, a partir de torres de bambu.

Dois séculos depois, Leonardo da Vinci concebeu o projeto de um pára-quedas de forma piramidal, com o qual realizou experiências, visando a amortecer a queda de um corpo no solo.

Em 1783, o francês Jean Leonomard se lançou de uma torre, aterrando com êxito. A seguir, Pierre Blanchard, balonista, teve a idéia de fazer um pára-quedas dobrável.

A essa altura, a técnica de navegação em balões havia amadurecido e os primeiros pára-quedas tinham sofrido aperfeiçoamentos. Jean Jacques Garnerin realizou, então, um salto de pára-quedas a partir de um balão, a cerca de 700 metros de altura.

Um astrônomo, que assistiria ao salto de Garnerin, observou que seu pára-quedas oscilava bastante e lhe sugeriu a

inserção de uma pequena abertura, na parte superior. Desse aperfeiçoamento, surgiu o *ápice*<sup>1</sup> até hoje utilizado nos pára-quedas de *velame*<sup>2</sup> redondo.

No início do século XX, o advento da aviação trouxe grande impulso ao desenvolvimento do pára-quedismo. Um piloto inglês inventou uma espécie de equipamento que se ajustava ao corpo, substituindo, assim, a cesta que os primeiros pára-quedistas conduziam. E, já em 1912, seria realizado o primeiro salto, a partir de um avião em voo.

No ano de 1919, Leslie Irwin realizou o primeiro salto livre de que se tem conhecimento. Naquela quadra da história, a finalidade do pára-quedas era unicamente a de salvar vidas.

## EMPREGO PARA FINS MILITARES

Os russos foram os primeiros a dar um sentido prático-militar às idéias de utilização do pára-quedismo, em larga escala.

Em 1930, durante a realização de manobras do Exército Vermelho, uma pequena fração lançada de uma aeronave ocupou o quartel-general (QG) de um corpo-de-exército. Esse fato teve grande repercussão e foi a base do impulso que

1 - Pequena abertura circular existente na parte superior do velame.

2 - Parte do pára-quedas que lhe dá sustentação, pelo contato com o ar, quando aberto.

essa atividade iria experimentar na Rússia.

Foi fundada pelo Estado soviético uma organização, denominada *Osoviakhim*, destinada a popularizar as atividades de aviação e de pára-quedismo. Esse objetivo foi atingido, de tal forma, que havia milhares de pára-quedistas treinados naquele país, antes da Segunda Guerra Mundial (II GM). Em 1936, o Exército Vermelho empregou, em manobras, grandes efetivos de pára-quedistas, sob os olhos de diversas missões estrangeiras, despendendo-lhes a atenção para o fato.

Já a Itália, foi a primeira nação a formar uma real unidade de pára-quedistas. O salto coletivo inicial deu-se em novembro de 1927. No final da década de 30, estavam formados batalhões completos, mais tarde divisões, que nunca participaram de operações aeroterrestres de vulto.

Na França, a preparação e a organização da tropa pára-quedista teve início em 1936; porém, não alcançou os resultados esperados pelos seus mentores.

A Inglaterra fez uso intenso do aerotransporte, nos conflitos em que tomou parte, no Oriente Médio, antes da Segunda Guerra Mundial.

A Checoslováquia, embora simpática à organização de tropas aeroterrestres, teve seus planos frustrados com a invasão que sofreu, em 1939.

Na Espanha, durante a guerra civil,<sup>3</sup> instrutores russos formaram grande

quantidade de pára-quedistas do Exército Republicano.

No Exército dos Estados Unidos da América (EUA), a idéia de empregar a tropa pára-quedista surgiu, na Primeira Guerra Mundial, como forma de envolver a frente ocidental. Em 1918, o coronel Billy Mitchel, então comandante do Corpo Aéreo dos EUA, na França, propôs uma operação pára-quedista para auxiliar a romper o impasse da guerra de trincheiras. À época, não existia conhecimento suficiente a respeito de operações aeroterrestres e o plano foi vetado.

Na Segunda Guerra Mundial, em 1940, teve início a preparação do primeiro grupo de pára-quedistas militares, de modo que, em 1941, estava formado o 50º Batalhão Pára-quedista, em Fort Benning, na Geórgia.

Assim expressou-se o então Capitão James M. Gavin, mais tarde comandante do 82º Divisão Aeroterrestre do Exército dos EUA, no início da preparação de sua tropa, em Fort Benning, na Geórgia:<sup>4</sup>

*"Havia problemas sem precedentes. Os homens tinham que ser capazes de lutar, imediatamente, contra qualquer hostilidade que encontrassem ao aterrar. (...)"*

3 - A guerra civil espanhola teve início em 1936 e terminou em 1939, com um saldo de 1 milhão de mortos.

4 - GAVIN, James Maurice, 1907 — *Até Berlim: as Batalhas de um Comandante Pára-quedista*, 1943-1946/trad. do Coronel Álvaro Galvão — Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1982. p. 26.

*"Por fim, teríamos que imaginar um novo sistema de expedição de ordem de combate, uma vez que seu início teria lugar no meio do inimigo. Todos esses problemas serviam para realçar, ainda mais, o problema principal: como instruir o pára-quedista individual. (...)*

*"Desde o início da história da humanidade, os soldados vinham sendo treinados no sentido de amortecerem seus traços característicos de comportamento individual. (...)*

*"Tudo isto tinha que ser desprezado na nossa tentativa de fazer com que a instrução dos pára-quedistas os levasse a atingir o máximo de orgulho e da perícia individual. Foi nessa ocasião que se adotou a inscrição do nome de guerra na camisa do uniforme, com a finalidade de ressaltar a importância da reputação e da personalidade de cada um"*

Na Alemanha, em razão, talvez, dos preparativos para a mobilização imposta pelo nazismo, o pára-quedismo militar teve, inicialmente, o maior impulso.

Em 1936, eram publicadas as "Instruções para a Formação das Tropas Pára-quedistas" — *Osfallschirmjäger*.<sup>5</sup> Foram fundadas escolas e enviados especialistas para a guerra civil espanhola.

Com a experiência colhida nas escolas e na guerra civil espanhola, fundou-se a Academia de Pára-quedistas.

Chamam a atenção os "dez mandamentos" básicos para a educação moral do pára-quedista alemão abaixo transcritos:<sup>6</sup>

*"I — O pára-quedista deve ambicionar as batalhas e treinar-se de modo a suportar todas as provas."*

*"II — O pára-quedista deve cultivar a verdadeira camaradagem porque só com a ajuda dos seus companheiros pode triunfar."*

*"III — O pára-quedista evita conversar e não se deixa corromper. Os homens atuam enquanto as mulheres falam. O falar pode levá-lo à sepultura."*

*"IV — O pára-quedista é calmo e prudente, forte e resolutivo. Só o valor pessoal e o entusiasmo pelo espírito ofensivo permitem vencer no ataque."*

*"V — As munições são preciosas, em presença do inimigo. Quem consome munições, sem ser necessário, é somente para se confortar a si mesmo; é um homem que falha. É um fraco que não merece o título de pára-quedista."*

*"VI — O pára-quedista nunca se rende. Ficar vitorioso ou morrer, são os pontos de honra."*

*"VII — O pára-quedista só pode triunfar se puder tirar todo o rendimento das suas armas e deve submeter-se ao*

5 - Designação oficial alemã de pára-quedistas.

6 - MIKSCHE, Ferdinand Otto — 1944. *Pára-quedista*. p. 29-31.

seguinte dilema: primeiro, as minhas armas, depois eu."

"VIII — O pára-quedista deve conhecer todos os pormenores da empresa que se vai executar, para, se o seu guia morrer, estar pronto a substituí-lo, imediatamente."

"IX — O pára-quedista, contra um inimigo a descoberto, combate com cavalheirismo, mas não dá quartel à guerra de guerrilhas."

"X — O pára-quedista tem sempre os olhos bem abertos e deve adaptá-los às coisas mais arrojadas. É veloz como um galgo, flexível como a sola e duro como o aço Krupp; só assim merece ser considerado guerreiro alemão."

No Brasil da década de 30, chegavam as notícias sobre aquela nova atividade militar, através de jornais e pelo cinema, ao tempo em que Charles Astor fundava o primeiro clube civil de pára-quedismo.

Um jovem oficial do Exército Brasileiro, que havia comparecido às Olimpíadas de Berlim, em 1936, sentia-se particularmente fascinado pelo pára-quedismo militar — o Tenente de Pessoa.

## AS OPERAÇÕES AEROTERRESTRES ATÉ A II GM (INCLUSIVE)

O intervalo entre as duas guerras mundiais não passou de uma tregua.

Assim, a Primeira Grande Guerra preparou o terreno para a Segunda Guerra Mundial — esta, agora, com novas armas e novas técnicas de combate, dentre elas o emprego das tropas pára-quedistas.

Neste conflito, as tropas aeroterrestres deixaram registradas belas páginas de heroísmo, conquistando a admiração internacional e consolidando a mística do soldado pára-quedista, independentemente dos países pelos quais lutaram.

Os pára-quedistas alemães, os *fallschirmjager*, estrearam na invasão da Noruega e prosseguiram, participando da invasão da Bélgica e dos Países Baixos. Em Creta, a vitória alemã foi conquistada ao custo de pesadas perdas entre os pára-quedistas.

Os pára-quedistas russos foram empregados, em 1942, com o objetivo de seccionar as linhas de comunicações alemães, aliviando a pressão sobre Moscou.<sup>7</sup> Em tais missões, não havia plano de resgate. Os pára-quedistas franceses realizaram inúmeras missões do tipo "comandos",<sup>8</sup> na França ocupada. No bolso de um desses militares, foi encontrada uma oração, consagrada mais tarde como a "Oração do Pára-quedistas".

7 - A Rússia encontrava-se ocupada por tropas alemãs.

8 - Nessas operações, os militares infiltram-se em áreas ocupadas por tropas inimigas para realizar sabotagens, destruições etc.

As tropas aeroterrestres anglo-americanas foram empregadas nas seguintes operações, dentre outras de menor vulto: invasão da Sicília, em 1943; invasão da Normandia,<sup>9</sup> em 1944 — o dia “D” — e operação **Market-Garden**,<sup>10</sup> em 1944.

Foi precisamente naquele clima de guerra que o então Capitão Roberto de Pessoa, do Exército Brasileiro, frequentou o Curso Básico de Pára-quedista e o Curso de Mestre de Saltos, em *Fort Benning*, o Curso de Demolição, em *Fort Bragg*, o Curso de Treinamento Avançado, em *Camp Mackall*, e o Estágio *Gliders* — tropas planadoristas e pilotos de planadores — em *Maxton Air Base* — todos nos Estados Unidos da América, no período de julho de 1944 a março de 1945. Ele é, portanto, o pára-quedista número 1 (Pqdt nº 1) do EB e o primeiro pára-quedista militar do Brasil.

Em suma, como ocorreu com quase todos os inventos, ao longo da história da humanidade, o pára-quedas terminou por servir aos fins militares.

Na Segunda Guerra Mundial, os pára-quedistas desenvolveram, em sua

plenitude, as características próprias desse tipo especial de soldado, que emolduram a “mística da tropa pára-quedista”.

Os mandamentos do pára-quedista alemão consolidaram-se nas batalhas vividas por aeroterrestres de diversas nacionalidades.

Em combate, ficou patenteada a importância da iniciativa, da rusticidade em alto grau, do exacerbado espírito de união e de corpo, da agressividade e da criatividade. Enfim, uma tropa destinada ao emprego, na retaguarda inimiga, a partir do lançamento de aeronaves em vôo, tinha que ser diferente.

A Segunda Guerra Mundial foi, portanto, o palco onde ficaram evidenciadas as características especiais do combatente pára-quedista e foi justamente no berço da tropa pára-quedista norte-americana, naqueles dias de conflito, que o primeiro pára-quedista militar do Brasil teve a sua formação.

## O PÁRA-QUEDISTA NÚMERO 1 (Pqdt nº 1) do EB

O General Roberto de Pessoa nasceu a 25 de fevereiro de 1910, no Estado da Paraíba.

Cursou a Escola Militar do Realengo, no período de 1928 a 1932, quando foi declarado aspirante-a-oficial da Arma de Infantaria.

9 - Popularizada através do filme “O Mais Longo dos Dias”.

10 - Ganhou popularidade através do filme “Uma Ponte Longe Demais”. Nessa operação, o grande número de baixas, entre os pára-quedistas ingleses, determinaria o uso das fitas negras — símbolo de luto permanente — nas boinas dos pára-quedistas, que persiste até os dias de hoje, em vários exércitos.

Dotado de excepcionais vigor físico e aptidões desportivas, cursou a então recém-criada Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx), em 1935.

Em 1936, servia na Escola de Aviação dos Afonsos, como instrutor de educação física, quando viajou para Berlim, como membro do Comitê Olímpico Brasileiro. Havia sido designado subchefe da delegação dos estudantes de educação física, que iriam participar de um congresso paralelo aos jogos olímpicos.

Naquela ocasião, a Alemanha vivia intensamente os preparativos para o próximo conflito mundial. As escolas de planadoristas se multiplicavam e o pára-quedismo militar era uma realidade.

O então Tenente de Pessoa a tudo observava, atentamente. Visitou escolas de formação de pilotos de planadores e de pára-quedistas e, autorizado pelo Ministro da Guerra, foi brevetado em vôo de planadores pela Escola de Syt. Já de volta ao Brasil e servindo no Nordeste, fundou o Aero clube de Pernambuco.

Destacando-se no campo da educação física, foi nomeado, em 1943, diretor da Escola Nacional de Educação Física e Desportos do Brasil.

Apesar do relevo e da importância de tal investidura e das regalias atreladas ao cargo, seu pensamento teimava em direcioná-lo para o pára-quedismo militar, fruto do que vira na Alemanha e das notícias da guerra. Embora moço, visualizava a importância daquela especialidade para um Exército em

desenvolvimento, como o do Brasil daqueles dias.

Assim, tudo fez para convencer as autoridades militares do Exército da importância daquela especialização para a Força Terrestre. Remeteu um documento fundamentando suas idéias ao Ministro da Guerra, recebendo um retorno favorável.

No final do ano de 1942, era encaminhada pelo Ministro, ao Presidente da República, uma exposição de motivos, propondo o comissionamento do então Capitão de Pessoa para a missão de realizar um estágio na Escola de Formação de Pára-quedistas do Exército dos EUA.

Por fim, em agosto de 1944, o Capitão de Pessoa partiu para a América do Norte, com a missão de realizar os cursos ligados à atividade pára-quedista, estudar a organização e o emprego da tropa, o armamento utilizado, os métodos e processos de ensino e os meios de transporte orgânicos. Tudo com o objetivo de implantar aquela atividade no EB.

Retornando vitorioso, trouxe consigo os certificados e distintivos dos cursos realizados e apresentou o relatório de suas atividades, bem como a proposta de fundação de uma Escola de Formação de Pára-quedistas no Brasil. Todos os documentos citados encontram-se na Biblioteca Tasso Fragoso, na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), junto com o acervo do General de Pessoa, doado

àquela Escola. Sua proposta de implantação abrangia desde detalhes estruturais até os uniformes e distintivos a serem adotados, incluindo minucioso relatório ilustrado de tudo o que tinha visto em Fort Benning.

Começava aí outra fase do pioneirismo do Capitão de Pessoa — a criação das bases para implantação do pára-quedismo militar no Brasil. Considerando-se a sua condição de oficial intermediário e a complexidade da tarefa, é fácil imaginar a dimensão dos esforços empreendidos física e mentalmente por aquele abnegado militar.

De março a outubro de 1945, cooperou com o Estado-Maior do exército (EME) nos estudos sobre unidades aeroterrestres e aerotransportadas. Em outubro e novembro do mesmo ano, realizou palestras em estabelecimentos de ensino, civis e militares, e para os quadros das Regiões Militares, difundindo a atividade pára-quedista.

Cumprir resaltar que muitos companheiros do Exército dos EUA, nos cursos freqüentados pelo nosso Pqdt nº 1, em Fort Benning, dali saíram para o emprego em operações de combate.

Segundo depoimento do hoje General R/1 de Pessoa, ele chegou a participar de treinamentos para missões específicas de combate junto a equipes do Exército americano. Nessas equipes, ele tinha missão definida, só não seguindo na fase de execução por ter negada a autorização pelo governo brasileiro.

Após a fase de divulgação, foi feita, pelo então Capitão de Pessoa, uma rigorosa seleção entre os voluntários ao pára-quedismo, seguida de exaustiva preparação por ele dirigida, na EsEFex.

Os índices a serem alcançadas nos testes igualavam-se aos recordes de atletismo vigentes no País, alguns na América do Sul. Além destes, havia provas de coordenação, agilidade e outras qualidades físicas, de modo que, em 20 de novembro de 1945, partia uma seleta turma de oficiais e sargentos para os EUA, a fim de freqüentarem o Curso Básico de Pára-quedista, naquele país.

Duas turmas seriam ainda formadas nos EUA, em 1946 e 1948.

A esses idealistas e abnegados militares, a BdaInfPqdt reverencia, procurando manter sempre viva a chama por eles acesa.

Junto com eles, vieram as primeiras tradições da BdaInfPqdt, como o *boot marrom*, tão caro aos pára-quedistas. Trouxeram ainda o sentimento *doritual da iniciação*,<sup>11</sup> responsável, juntamente com o *reforço de status* proporcionado por cada salto, pela mística da tropa pára-quedista.

A semente plantada pelos pioneiros frutificou, de modo que cada pára-quedista, de soldado a general, após

11 - Fato confirmado por sociólogos, através de experiências, e que leva os principiantes a valorizarem altamente o grupo, quando submetidos a uma árdua iniciação.

pagar o seu árduo e suado tributo na área de estágio,<sup>12</sup> passa a ser um combatente, com características especiais.

Assim expressou-se o Major-General A.S Newman sobre essas características:<sup>13</sup>

*“O salto com pára-quedas testa e enrijece o soldado sob tensão, de maneira que somente uma batalha pode fazer. Você nunca pode estar certo a respeito dos outros. Todavia, os pára-quedistas lutarão. Você pode apostar sua vida nisto. Eles, repetidas vezes, encaram o perigo durante o salto e desenvolvem uma autodisciplina que domina o medo. Subconscientemente, todo pára-quedista sabe disto. É por isso que ele possui aquela extraordinária e arrogante confiança”.*

## A IMPLANTAÇÃO DO PÁRA-QUEDISMO MILITAR NO BRASIL

Em dezembro de 1945, foi criada, através de decreto-lei, a Escola de Pára-quedistas e, para a sua implantação, instalou-se, inicialmente, um Núcleo de Formação e Treinamento de Pára-quedistas. Os pioneiros integraram e fizeram funcionar aquele Núcleo.

Após a instalação provisória, no antigo Ministério da Guerra (Palácio Duque de Caxias), ocupou finalmente o aquartelamento do então Regimento de Artilharia Antiaérea, na área conhecida como Colina Longa, bairro de Deodoro, no Rio de Janeiro.

Em 1949, consoante com a evolução prevista no próprio ato da criação, a Escola de Pára-quedistas passou a funcionar efetivamente, sendo extinto o Núcleo de Formação e treinamento de Pára-quedistas.

## EVENTOS SIGNIFICATIVOS NA FASE DE IMPLANTAÇÃO

### Afastamento do Capitão de Pessoa

Em março de 1946, assumiu o comando do Núcleo de Formação e Treinamento de Pára-quedistas o Tenente-Coronel Nestor Penha Brasil. Nessa ocasião, o Capitão de Pessoa encontrava-se nos EUA, acompanhando uma turma de pioneiros, adido à Comissão Militar Brasileira naquele país, para aquele fim, desde novembro de 1945.

Ao retornar ao Brasil, o Capitão de Pessoa foi servir no Núcleo de Formação e Treinamento de Pára-quedistas, onde exerceu as funções de comandante do Corpo de Alunos e instrutor-chefe do Ensino Técnico. Dessas funções,

12 - Local onde é ministrada a instrução para os candidatos à tropa pára-quedista.

13 - A.S. NEWMAN, *The Ties That Bind the Airbone*, Army 1968, p.19.

afastou-se no segundo semestre de 1946, para cursar a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO).

De personalidade forte e tendo realizado sua formação pára-quedaista nos EUA, em um período de guerra, onde o rigor das instruções era, certamente, deveras intenso e realista, o Capitão de Pessoa incompatibilizava-se com o seu comandante.

Era jovem, estava altamente motivado por aquele empreendimento, e tal situação culminou com o seu afastamento voluntário, indo servir, a partir de junho de 1947, no quartel general da Zona Militar Leste.<sup>14</sup>

Não cabe aqui analisar as razões dos então Tenente-Coronel Penha Brasil<sup>15</sup> e Capitão Roberto de Pessoa. O primeiro cumpria a missão para a qual fora designado, missão esta de insofismável importância. O segundo era movido pela chama de seu ideal e pela energia da juventude — e os jovens têm suas próprias razões, muito embora estas, às vezes, os levem a sofrer as conseqüências dos seus atos.

## O Salto na Praia do Flamengo e os Primeiros Equipamentos

Em outubro de 1946, por ocasião dos festejos da Semana da Asa, o Núcleo deu como iniciadas suas reais atividades.

Na oportunidade, foi realizado um lançamento de nove oficiais e dois sargentos sobre a Baía de Guanabara. Foi o primeiro "salto em massa", de uma aeronave em vôo, realizado por pára-quedaistas militares, no Brasil.

Já em 1948, eram recebidos 1060 pára-quadistas do tipo T-7, adquiridos nos EUA pelo Ministério da Guerra.

O pára-quadismo militar, no Brasil, já podia ser considerado uma atividade concreta.

## O Precursor nº 01 (Prec UNO)

Em 1947, o então Tenente Celso Nathan Guaraná de Barros especializou-se, nos EUA, para desempenhar as funções de precursor pára-quedaista (Prec Pqdt). Retornando ao Brasil, passou a difundir os seus conhecimentos, adaptando-os às condições então existentes na tropa pára-quedaista do EB. Quatro anos mais tarde, o "Prec UNO" presenciaria o coroamento de seus esforços com a realização do primeiro Curso de Precursor<sup>16</sup> no Brasil.

14 - Atual Comando Militar do Leste.

15 - O então Tenente-Coronel Penha Brasil participou da Força Expedicionária Brasileira (FEB) e foi o primeiro comandante de tropa pára-quedaista no Brasil. Deu nome ao atual Centro de Instrução Pára-quedaista — Centro de Instrução Pára-quedaista General Penha Brasil (CIPqdtGPB) e foi, ainda, o primeiro oficial superior do EB a qualificar-se pára-quedaista militar.

16 - As características desse curso serão comentadas mais adiante.

Observa-se, portanto, que tudo começou com árduo e incansável esforço do então Capitão de Pessoa, que, abrindo mão do conforto e de vantagens materiais, lançou-se de corpo e alma no ideal de trazer o pára-quedismo militar para o Brasil.

Há que se considerar a coragem ao se predispor à tarefa, a determinação para ir ao encontro dos objetivos e a competência para elaborar os projetos de implantação.

Quanto aos pioneiros, foram, sem dúvida, os alicerces da complexa estrutura representada pela BdaInfPqdt. Através deles, a Brigada se estabeleceu e ganhou vida. Mais do que obras materiais, eles deixaram as marcas do espírito indomável e lançaram as sementes da mística do pára-quedista militar brasileiro.

Ao então Tenente-Coronel Penha Brasil coube a tarefa de comandar a primeira organização militar pára-quedista no Brasil, função que exerceu por quase uma década. Foi, ainda, o primeiro comandante dessa tropa quando ela se transformou em grande-idade, desta feita no posto de general-de-brigada.

## A TROPA PÁRA-QUEDISTA DO EB — EVOLUÇÃO

A partir de 1949 a tropa pára-quedista do EB passou por quatro fases dis-

tintas, nas quais recebeu as seguintes denominações: Escola de Formação de Pára-quedistas (1949/1952); Núcleo da Divisão Aeroterrestre — NuDivAet (1952/1968); Brigada Aeroterrestre — BdaAet (1968/1971); Brigada Pára-quedista — BdaPqdt (1971/1985); Brigada de Infantaria Pára-quedista BdaInfPqdt (a partir de 1985).

Destacamos, nesse período, a implantação de diversos cursos ligados às lides aeroterrestres, a criação e a evolução das diversas organizações militares pára-quedistas (OMPqdt) e alguns eventos de maior realce.

Ainda em 1949, realizou-se, em janeiro, o primeiro curso básico pára-quedista e, alguns meses mais tarde, o primeiro curso de mestre de salto.

Dois anos depois, seria a vez dos cursos de “manutenção de pára-quedas e suprimento pelo ar” (atual DOMPSA — dobragem, manutenção de pára-quedas e suprimento pelo ar, “precursor pára-quedista” e “transporte de tropas” (hoje, reduzido a um estágio).

O Curso de Mestre de Saltos habilita oficiais, subtenentes e sargentos pára-quedistas ao lançamento de pessoal e material, de uma aeronave em voo, capacitando-os ao exercício do comando, durante o voo, e ao lançamento de uma equipe ou de todo o avião.<sup>17</sup>

17 - Convencionou-se chamar avião o conjunto de pára-quedistas que salta de uma mesma aeronave.

O Curso de DOMPSA especializa oficiais e sargentos de Intendência, tornando-os peritos em pára-quedas e habilitando-os à confecção e ao lançamento de cargas. O Curso de Precursor Pára-quedista habilita oficiais e sargentos à instalação, operação e segurança de zonas de lançamento, pistas de pouso para aviões e zonas de pouso para helicópteros.

Em 1957, foi organizado o primeiro Curso de Operações Especiais, o qual, em 1966, foi desmembrado em Curso de Comandos e Curso de Operações Especiais. Hoje, é denominado Curso de Forças Especiais e, para candidatar-se a realizá-lo, o militar deverá ser pára-quedista e possuir o Curso de Ações de Comandos (CAC).

O CAC habilita oficiais e praças à execução de infiltrações, sabotagens e outras ações de "Comandos". Já as Forças Especiais destinam-se à atuação no campo da Guerra Irregular, instalando e operando, ou combatendo a guerrilha.

Em 1964, foi criado o Estágio Básico de Salto Livre, muito embora essa atividade já existisse na tropa pára-quedista, desde 1958, ano em que foi realizado o primeiro salto livre oficial, por uma equipe de dezessete militares. Esse estágio habilita oficiais e praças à execução do salto comandado pelo próprio pára-quedista. Além dos objetivos desportivos, complementa a especialização dos Comandos, Precursores,

Forças Especiais e DOMPSA, habilitando-os ao Salto Livre Operacional (SLOp), no qual o pára-quedista lança-se, de grandes altitudes, conduzindo seu equipamento e armamento.

É de resaltar que, entre 1972 e 1977, o CAC foi realizado no Centro de Instrução de Guerra na Selva (CIGS), com o nome de Curso de Operações na Selva e Ações de Comandos (COSAC).

A Escola de Pára-quedistas era constituída por duas companhias de Infantaria; uma bateria de Artilharia; uma seção de Engenharia; e uma companhia de Especialistas. Essa companhia, por sua vez, enquadrava um pelotão de Transmissões, um pelotão de Destruições e um pelotão de Conservadores Artífices.

As companhias de Infantaria da Escola de Formação de Pára-quedistas deram origem ao batalhão de Infantaria (1951). Esse batalhão passou a chamar-se Batalhão Santos Dumont (BSD), em 1956. Já em 1961, transformou-se em Regimento Santos Dumont, esse a três batalhões. Com o advento da Brigada Pára-quedista, esses batalhões passaram a se chamar 25º, 26º e 27º Batalhões de Infantaria Pára-quedista, ficando o 26º com a denominação de Batalhão Santos Dumont.

Hoje, a Brigada de Infantaria Pára-quedista é composta pelos três batalhões já citados; por um esquadrão de Cavalaria Pára-quedista; um grupo de

Artilharia Pára-quedista; uma companhia de Engenharia Pára-quedista; uma companhia de Comunicações Pára-quedista; um batalhão Logístico Pára-quedista; um batalhão DOMPSA e por alguns elementos peculiares, como o Centro de Instrução, a Banda de Música Pára-quedista e o Destacamento de Saúde Pára-quedista. Há ainda um Batalhão de Forças Especiais, o qual é vinculado ao Comando de Operações Terrestres (COTER).

Como eventos marcantes da evolução do pára-quedismo do EB, podemos citar:

- a realização do primeiro salto noturno, em Gramacho, no Rio de Janeiro, RJ (1951);
- o primeiro lançamento pesado (1957);
- as comemorações dos 100.000 saltos (1958) e 200.000 saltos (1962);
- a implantação do pára-quedismo militar no Paraguai, com o apoio fundamental dos pára-quedistas brasileiros (1966);
- a classificação de um pára-quedista brasileiro, em 1º lugar, no campeonato mundial de pára-quedismo militar, (1971, em Portugal);
- a realização do primeiro salto tático de valor força-tarefa de batalhão, com seus elementos de apoio ao combate e apoio logístico, a partir de dez aeronaves C-130 e dez C-115;

- o estabelecimento do recorde mundial de salto livre simultâneo em uma só passagem, com o lançamento de duzentos e cinquenta pára-quedistas (1986 — zona de lançamento dos Afonsos, Rio de Janeiro, RJ);

- o estabelecimento da marca de um milhão de saltos (1986);

- o lançamento, no mesmo ano acima, de um obuseiro leve Otto Melara, do 8º GACP qdt, juntamente com a guarnição, partindo da rampa de uma aeronave C-130;

- a participação de um integrante da Brigada na abertura das Olimpíadas de Seul, (1988), quando foi formado, no ar, por pára-quedistas de diversos países, o símbolo olímpico.

Em síntese, a partir de 1949, quando foi implantada definitivamente a Escola de Formação de Pára-quedistas, o pára-quedismo militar no Brasil não parou de crescer.

Os cursos de especialização e extensão deram, à estrutura pára-quedista, suporte técnico e trouxeram para o EB uma nova mentalidade, voltada para o aperfeiçoamento profissional.

O aumento dos efetivos e a criação das novas organizações militares pára-quedistas, longe de dividir a tropa pára-quedista, foram amalgamando o bloco sólido da Brigada de Infantaria Pára-quedista, onde o “espírito de Arma” é suplantado pelo “espírito pára-quedista” e de “grande-unidade”.

## CONTRIBUIÇÕES PARA A EVOLUÇÃO DO EB

Ao longo de sua evolução, no campo da instrução militar, a tropa pára-quedista introduziu modificações, que viriam mais tarde a ser incorporadas ao restante da Força, ao tempo em que contribuiu para a implantação de outras atividades e Estabelecimentos de Ensino.

São exemplos dessas contribuições:

- a Operação Boina, atividade inspirada no Treinamento Individual Básico de Combate (TIBC), complementar à formação do soldado pára-quedista;

- a implantação do Centro de Instrução de Guerra na Selva (CIGS), cujo primeiro comandante — o então Major Jorge Teixeira de Oliveira — saiu do NuDivAet para realizar o curso de *Jungle "Expert"*, nos EUA e, posteriormente, implantar aquela nova organização militar no Brasil;

- a implantação da Seção de Instrução Especial (SIEsp), na AMAN, e o advento da Instrução Especial e das Tropas Especiais no EB;

- o desenvolvimento de uma doutrina de transporte aéreo (tropa e material), calcada no estreito relacionamento com a Força Aérea e na experiência prática;

- a inspiração para a evolução do Treinamento Físico Militar (TFM), seja na elaboração dos manuais, na adoção dos cânticos nas corridas ou na busca individual pelos melhores índices nos Testes de Avaliação Física (TAF);

- a realização de experiências pioneiras com material bélico, como foi o caso do tiro de artilharia em ambiente de selva;<sup>18</sup>

- o apoio à instrução em Escola do EB.

Fruto do contato com exércitos de nações amigas e do espírito dinâmico do pára-quedista, a BdaPqdt foi introduzindo adaptações, modificações e inovações, que, mais tarde, viriam a ser adotadas por todo o Exército, entre as quais podemos citar: o uso do *sutache*, com o nome de guerra no uniforme de instrução; a camiseta de meia-manga para o TFM; a queixeira para prender o capacete; o boné de brim (bico-de-pato); o uniforme camuflado; o uniforme de combate; o suspensório; o cinto de náilon; a faca de trincheira; o pára-fal e a boina.

Houve, ainda, ao longo da evolução da tropa pára-quedista, uma disseminação de seu entusiasmo e do seu espírito profissional, contribuindo, à sua maneira, para uma nova mentalidade no EB. Mentalidade esta voltada para o cumprimento da missão, a qualquer custo; para a valorização do espírito de iniciativa; para a especialização constante; para a valorização do homem, em face da deficiência de meios e para o

18 - ASSIS, Paulo Roberto Corrêa de. *Apoio de Fogo às Operações em Ambiente de Selva*. Military Review. Edição Brasileira. ECEME/EUA. Fort Leavenworth, Kansas, 1º Trim 1992, nº 1 : 55/68.

exercício de comando, através do exemplo.

À medida que evoluía, portanto, a tropa pára-quedista irradiava seus reflexos para o restante do Exército Brasileiro. Essas influências se fizeram sentir, em diversos campos, porém destacamos como o de maior importância, a evolução de mentalidade na juventude militar.

## EVOLUÇÃO DO MATERIAL AEROTERRESTRE

Nos seus primeiros dias, a tropa utilizou-se das Anv C-47, carinhosamente apelidada de *Garça*. Em 1955, chegaram ao Brasil os primeiros C-82. Em 1962, foi a vez dos C-119 e, em 1968, dos C-115 (*Búfalo*).

Atualmente, são utilizados o C-115, o C-130 (*Hércules*) e o C-95 (*Bandeirante*), para atividades de lançamento e aerotransporte. Somente para o aerotransporte, utiliza-se ainda o C-91 (*Avro*).

Os primeiros pára-quedas utilizados foram os do tipo T-7, de fabricação norte-americana. Chegaram ao Brasil, em 1948 e provocaram um choque brusco ao se abrirem. Dez anos depois, teria início a utilização do pára-quedas T-10, também norte-americano.

A partir de 1985, o Brasil passou a fabricar o pára-quedas T-10 DOMPSA, com 100% de nacionalização, o que

hoje também ocorre com o material destinado ao lançamento de cargas.

Diante da carência de meios e valendo-se do espírito de cumprimento da missão e da criatividade, os DOMPSA têm desenvolvido diversos artificios, alguns copiados por exércitos do primeiro mundo. Como exemplo, podemos citar: o pino de segurança do gancho da fita de abertura; o pára-quedas de salvamento (T-10 AS); o reserva adaptado para salvamento de cão (RASC); o T-10 adaptado para carga; o reserva adaptado para carga e o reserva adaptado para lançamento de cão.

Assim, verificamos que muitos foram os passos dados pela tropa Pqdt, desde sua implantação. Para caracterizar a magnitude da evolução do material, basta lembrar que, hoje, a BdaInfPqdt salta e lança suas cargas com pára-quedas de fabricação 100% nacional.

## MISSÕES MAIS IMPORTANTES

A BdaInfPqdt já realizou lançamentos nos seguintes países: Argentina, Bélgica, Chile, Espanha, Estados Unidos da América, França, Itália, Panamá, Paraguai, Portugal e Venezuela.

Dentre as inúmeras outras missões de adestramento junto a Forças de outros países, destaca-se a realizada, em março de 1960, no Panamá. Nessas manobras, denominadas *Bannyan Tree II*, a 3ª Companhia de Fuzileiros, do Batalhão Santos Dumont, representou o Exército

Brasileiro, sendo alvo de elogios de quantos assistiram àquele evento.

Atualmente, a BdaInfPqdt tem a prioridade mais elevada junto ao Comando de Operações Terrestres (COTER) para os exercícios de adestramento avançado e realiza, uma vez por ano, a "Operação Saci", com a participação de elementos de todas as suas OM.

O Estado brasileiro, fiel à sua política pacífica, não se envolveu em conflitos externos, desde a Segunda Guerra Mundial. No entanto, os pára-quedaistas brasileiros foram empregados em algumas ocasiões, entre as quais destacamos: o combate à subversão e à guerrilha urbana e rural, através de ações decisivas, no decorrer da década de 70; ações para manutenção da ordem interna, como ocorreu no "Levante de Aragarças", em 1959 e ações de Forças Especiais, como ocorreu, recentemente, na região do Trafra, na Amazônia.

Pode-se verificar, portanto, que a tropa pára-quedaista do EB tem feito jus ao seu conceito de tropa de elite.

Essa constatação acontece ao analisar sua participação em exercícios realizados junto a Forças de outros países, como foi o caso da *Operação Bannyan Tree II*, e ao observar suas atividades anuais de instrução.

A participação dos pára-quedaistas em missões reais e os resultados obtidos atestam a operacionalidade e a bravura dos seus integrantes. A participação nas missões de defesa interna e de

manutenção da ordem institucional consubstanciam a parcela de contribuição da BdaInfPqdt, enquadrada na Força Terrestre, para a manutenção dos objetivos nacionais, como a estabilidade do regime democrático no Brasil e a paz social.

## OS SÍMBOLOS E O LEMA DA BdaInfPqdt

O pára-quedaista militar brasileiro tem como símbolos: a boina grená, o *boot* marrom e o brevê. É com o pensamento fixo nesses símbolos que o aluno do Curso Básico Pára-quedaista enfrenta as agruras da "área de estágios". Depois de passar pela porta do avião e usá-los, após a brevetação, sente-se um novo soldado. Aí se encerra o cerne da mística da tropa pára-quedaista do EB, emoldurada pelo culto às tradições e pelo permanente contato com o perigo.

O *boot* marrom e o brevê acompanham a tropa Pqdt do EB, desde os seus primeiros dias. Já a boina grená foi adotada em 1964, seguindo uma tradição internacional.

O lema da BdaInfPqdt tem suas origens nos anos sessenta, quando a agitação política pós-revolução de 1964 tomava conta do País. Naquela época, um grupo de civis e militares partícipes da revolução e identificados com o nacionalismo, elaborou uma carta de princípios, cujo lema era "Brasil Acima

de Tudo". Alguns oficiais pára-quedistas, que serviam no Centro de Instrução Pára-quedista, comungavam com aquelas idéias e adotavam aquele lema como saudação.

Anos mais tarde, o General Acrísio Figueira, então coronel comandante do Batalhão Santos Dumont (BSD), adotou oficialmente esse lema para a sua unidade, publicando as prescrições para o seu uso em Boletim Interno. Assim, os pára-quedistas do BSD passaram a bradar "Brasil", ao executar a continência, e "acima de tudo", ao respondê-la.

Entre opiniões favoráveis e contrárias, esse lema consolidou-se, ao longo dos anos, de maneira espontânea, como elemento natural do espírito-de-corpo da Brigada Pára-quedista — atributo essencialmente militar.

A maioria dos pára-quedistas mais novos não sabe ao certo de onde surgiu o lema da BdaInfPqdt. Usam-no, porém, com o máximo de orgulho, conscientes de que representa a união entre os integrantes da grande-unidade, cuja causa maior é a defesa dos interesses do Brasil, dentro dos limites de subordinação previstos nas leis do País e nos regulamentos do Exército.

## CONCLUSÃO

Após esta viagem de cerca de quatro décadas, em que fomos buscar as origens do pára-quedismo militar no Brasil,

chegamos ao ano de 1993. Agora, o leitor conhece os passos dados pela BdaInfPqdt, desde os seus primeiros dias, quando tudo não passava de um sonho.

Ao protagonista desse sonho, que tudo fez para torná-lo realidade, deve-se a existência dessa grande-unidade, no EB. "*Mesmo uma caminhada de mil milhas, começa com um passo*", diz o antigo provérbio oriental. Esse passo foi dado pelo Pqdt n° 1, General de Pessoa. E, junto a ele, pelos pioneiros, aqueles que acreditaram no sonho e participaram de sua concretização. Ao General Penha Brasil, o mérito de conduzir a BdaInfPqdt, em sua infância e adolescência, como pai diligente e capaz.

Constatamos que a mística da tropa pára-quedista extrapola as fronteiras dos países. Pode ser resumida nos mandamentos do pára-quedista alemão ou em simples símbolos, como uma boina ou um brevê. Ela ganha vida, no "ritual de iniciação", e se consolida no dia-a-dia de um combatente pára-quedista. Na BdaInfPqdt do EB, ela foi introduzida pelos pioneiros e nunca mais parou de crescer.

Verificamos que a evolução dos uniformes e da instrução militar estendeu-se ao conjunto do Exército Brasileiro, o mesmo acontecendo com algumas características dos pára-quedistas, como a idéia de valorizar ao máximo a iniciativa e o espírito de cumprimento da missão, a qualquer custo,

dinamizando, assim, a mentalidade da juventude militar.

O desempenho verificado em missões internacionais, a seriedade e a intensidade do adestramento anual, bem como a eficácia demonstrada em operações reais atestam a operacionalidade dos pára-quedistas brasileiros. Nessas últimas, repousa, ainda, a parcela de contribuição da BdaInfPqdt, enquadrada no EB, para a manutenção dos objetivos nacionais do País.

Concluimos, portanto, que a BdaInfPqdt é motivo de orgulho para todo o EB e que o maior reflexo de sua evolução é o poder dissuasório conferido ao Brasil pela sua existência. Muitos são os óbices a enfrentar, em face da conjuntura atual. Olhando para o passado, porém, os pára-quedistas de hoje avaliam os sacrifícios realizados por seus antecessores e percebem que não há obstáculos para aqueles que têm como lema: "O Brasil Acima de Tudo".

## BIBLIOGRAFIA

ASSIS, Paulo Roberto Correa. *Apoio de Fogo às Operações em Ambiente de Selva*. Military Review, Edição Brasileira, Kansas, ECEME/EUA, (1) : 55-68, 1º trimestre, 1992.

BERGOT, Erwan — 1972. *Les Paras*. Paris (Balland). (Tradução de Zarcó Moniz Ferreira — Editora Ulisseia).

BRIGADA PÁRA-QUEDISTA. *Destacamento de Forças Especiais* — s.d. O Pára-quedista. Livreto em quadrinhos. Rio de Janeiro.

BRIGADA DE INFANTARIA PÁRA-QUEDISTA. Livro-Registro Histórico da Grande Unidade.

BRIGADA PÁRA-QUEDISTA. Centro de Instrução Pára-quedista General Penha Brasil — 1976. *Almanaque do CIPqdt GPB*. Rio de Janeiro.

PESSOA, Roberto de — Gen Bda R/1 — Pqdt nº 01. Entrevistas.

EXPOSIÇÃO da BdaInfPqdt sobre a Operação Saci/91, em 19 Ago 92, na ECEME, presentes o A/3 da VFAe, o E/4 da BdaInfPqdt e os Cmt do 26º e 27º BIPqdt.

FLANAGAN, E. M. 1990. *The Airborne 50 and Still Counting — From Fort Benning to Desert Shield*. Army. (November): 42-52.

HOMEM, Nelson Calvoso Pinto — 1991. *Peculiaridade da Brigada de Infantaria Pára-quedista de Exército Brasileiro nas Operações de Assalto Aeroterrestre*. Rio de Janeiro (ECEME).

JAVOSKI, Alexandre Emílio Gama — 1989. *A Guerrilha do Araguaia: Ensinaamentos Colhidos*. Rio de Janeiro. (ECEME).

LIMA, Acrísio Figueira de — Gen Bda R/1 Pqdt. Entrevista. Rio de Janeiro. 1992.

MANUAL DE CAMPANHA — Headquarters Department of the Army. Staff Officers Field Manual Organizational Technical Logistical Data Planning Factors. FM 101-10-1/I. USA. Oct 1987.

MALTA, Wenceslau. *A Brigada Pára-quedista do Exército Brasileiro*. A Defesa Nacional, Rio de Janeiro, Cooperativa Militar Editora e de Cultura Intelectual, (665): 25-50. Jan/Fev 1976.

Mc MICHAEL, WILLIAM H. 1990. Where AAFES dollars go. Soldiers. (Vol. 45 Nº 4): 36-41.

MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA. PÁRA-SAR. *Histórico do Esquadrão Aeroterrestre de Salvamento*.

MÁXIMO, Francimá de Luna — Cel R/1 Pqdt. Entrevistas Diversas. Rio de Janeiro. 1992.

MIKSCHÉ, Ferdinand Otto. 1944. *Pára-quedistas*. Lisboa. (Livraria Popular).

Mc COLLUM, James K. *A Mística da Tropa*

*Pára-quedista*. Military Review, Kansas, ECEME/EUA, (11) : 26-32, Nov. 1976.  
NUNES, Luiz de Araújo — Cap R/1, Pqdt nº 42. Entrevistas diversas. Rio de Janeiro, 1992.

PALESTRA proferida pelo Ministro do Exército na ECEME, em 17 Ago 92.

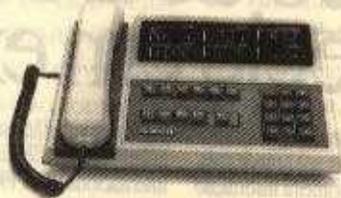
PORTELA, Fernando — 1979. *Guerra de Guerrilhas no Brasil*. São Paulo, (Global Editorial).

REVISTA AGULHAS NEGRAS — 1977.  
RYAN, Cornelius — 1978. *Uma Ponte Longe Demais*. Rio de Janeiro (Biblioteca do Exército Editora).



Major Inf RACINE BEZERRA LIMA FILHO é Asp Of da turma de 1977, tendo concluído a EsAO, em 1986, e a ECEME, em 1993. Possui os seguintes cursos de especialização: Básico Pára-quedista; (Mestre de Saltos e Instrutor de Educação Física. Serviu no 1º BC, no 2º BIMTz (Es), no Colégio Militar de Salvador, na Escola de Administração do Exército e no 25º BIPqdt.

**ENFIM, UMA RECEPCIONISTA QUE  
ALÉM DE BONITA, TOCA MÚSICA,  
ATENDE 40 LIGAÇÕES POR MINUTO  
E SÓ PEDE AUMENTO DE TRABALHO.**



ABX MAX Monytel vem com a exclusiva Recepcionista Digital. Bonita, moderna, ela atende qualquer ligação, como que a telefonista esteja ocupada. Nesse caso, ela pede numa gracinha que a pessoa aguarde, enquanto ouve uma música de espera.

Assim que a telefonista desocupar, ela completa a ligação. Não deixe sua empresa perder um negócio por telefone ocupado. Instale o PABX MAX Monytel com exclusiva Recepcionista Digital. Uma linha sempre aberta para um negócio fechado.

**MONYTEL**  
O IMPULSO QUE SUA EMPRESA PRECISA.

MONYTEL ELETRÔNICA E TELECOMUNICAÇÕES LTDA.  
Av. Miguel Frias e Vasconcelos, 1206 - Jaguaré - 05345  
São Paulo - SP - Fone: (011) 268-9077  
FAX (011) 819-3489 - Telex: (011) 81367